

HOMILIA DO PE. SÍLVIO SASSI NA CAPELINHA DAS APARIÇÕES
NO ENCERRAMENTO DA JUNTA DOS SUPERIORES MAIORES DO GEC
Fátima, 19 de fevereiro de 2014

Cada um de nós e todos juntos como assembleia, ao celebrarmos a morte e a ressurreição de Cristo na Eucaristia, viemos como peregrinos a este santuário mariano com a convicta emoção de que este lugar é especial porque, no passado e em datas regulares, a presença de Deus foi experimentada através das aparições de Nossa Senhora a três pastorinhos.

Desejamos agora refletir sobre a palavra de Deus que acabamos de escutar, pedindo a Nossa Senhora que nos ajude a imitar o seu exemplo, uma vez que Maria, vivendo todos estes acontecimentos do nascimento de Jesus, **“conservava todas estas coisas meditando-as no seu coração”** (Lc 2,19).

Na **primeira leitura** (Tg 1,19-27), é-nos recomendado, antes de mais: **“escutar muito, falar pouco e não se deixar guiar pela ira”**. Estas três atitudes não são conselhos de sabedoria humana, mas são três modos concretos para viver a nossa fé e o nosso batismo, que nos pede para sermos testemunhas de Cristo.

A escuta consiste em fazer silêncio eliminando qualquer outro ruído que ocupa a nossa atenção, para **“acolher com humildade a palavra semeada”** em nós pelo Evangelho de Jesus. Entre os ruídos que são obstáculos para a escuta eficaz da Palavra de Deus não existem apenas aqueles incompatíveis com a fé, mas também modos errados de viver a religião: a superficialidade ao meditar a Palavra de Deus; pensar que basta rezar sozinho na Igreja e depois esquecer-se de Deus durante todo o resto do dia; cultivar uma oração que depois não nos leve à misericórdia e à caridade para com os outros.

Pelo facto de estarmos continuamente predispostos para escutar a Palavra, nasce também a qualidade do nosso falar. Quando somos exortados para sermos **“lentos no falar”** não somos convidados a um modo educado e calmo de nos exprimirmos com as palavras, mas a fazer nascer as nossas palavras da escuta da palavra de Deus; para podermos falar de uma forma cristã é necessário escutarmos primeiro a Palavra de Deus.

Se quisermos transportar para a nossa vida o que a primeira leitura dizia há dois mil anos sobre a **escuta** e sobre a **palavra** para uma civilização que conhecia apenas a palavra e a escritura, devemo-nos referir às várias formas de comunicação de hoje: palavras, textos, imagens, sons, multimédia, comunicação na rede digital.

Para todas estas formas de comunicar que podem ser usadas por um batizado nas suas ocupações de cada dia e que para nós **Paulistas** constituem a nossa forma de evangelizar, continua sempre válido o ensinamento que a palavra humana brota da palavra de Deus e que portanto **“toda a comunicação humana provenha da comunicação com Deus”**.

Falar e comunicar num modo cristão não significa falar sempre e só da religião e da fé, mas como ensinou São Paulo e para nós **Paulistas** como nos recomendou o beato Tiago Alberione para a evangelização paulista: **“Não é necessário falar sempre de religião, mas falar de tudo cristãmente”**.

Uma vez que da escuta atenta à Palavra de Deus não deriva apenas um falar cristão mas também o **“travar a ira”** nas relações sociais, podemos perguntar-nos se, com o nosso falar habitual e com a evangelização com a

comunicação actual, damos mais espaço à crítica, às acusações, às denúncias, à difusão dos maus exemplos e à informação que privilegia acontecimentos e personalidades negativas que como efeito suscitam a ira e a indignação instintivamente.

Como em alguns discursos em que se fala de qualquer argumento apenas em termos negativos ou de crítica, assim também na informação dada nos jornais, na rádio, na televisão e na internet frequentemente é privilegiado o fruto da maldade humana em todas as suas manifestações.

O falar de um cristão e a comunicação colocada ao serviço da evangelização devem dar o exemplo que também o bem, a bondade, a generosidade e a honestidade fazem notícia e suscitam a aprovação de todos. Dito com as palavras conclusivas do evangelho: também **“assistir os órfãos e as viúvas”**, isto é, ajudar a socorrer quem sofre, pode e deve ser tema dos nossos discursos e argumento da nossa comunicação religiosa.

Também para acolher o ensinamento que podemos deduzir do **evangelho** de hoje (Mc 8,22-26) queremos inspirar-nos na atitude de Nossa Senhora quando, regressando apressadamente à Jerusalém juntamente com o seu esposo São José, se põe à procura de Jesus que pensavam tinham perdido; quando O encontraram e O interrogaram, diante da Sua resposta: **“Eles não compreenderam o que Ele lhes disse”** (Lc 2,50).

O episódio da cura do cego é narrado por Marcos apenas depois de ter referido as palavras de Jesus que repreendia os discípulos por não compreenderem bem a Sua identidade: **“Tende olhos e não vedes? Ouvidos e não ouvís? Ainda não compreendestes?”** (Mc 5,18-21).

Jesus tem que intervir duas vezes para fazer recuperar bem a vista ao cego: trata-se de um detalhe único em todos os milagres narrados nos evangelhos, e na intenção de Marcos não é apenas por fidelidade escrupulosa à ação de Jesus, mas sobretudo um modo simbólico para exprimir a dificuldade de Jesus para retirar da mente dos Seus discípulos a ideia de um Messias poderoso.

Vendo os tantos milagres realizados por Jesus, os discípulos pensam que esta força prodigiosa será usada por Jesus para instaurar um Reino com poder humano libertando o povo judeu da dominação romana.

Como os discípulos devem compreender melhor Jesus, também nós, cristãos de hoje, 50 anos depois do concílio Vaticano II, graças aos exemplos e aos ensinamentos dos Papas que se sucederam, compreendemos melhor a identidade da Igreja: **a única razão de ser da sua existência é a evangelização.**

A cada um de nós, que nos sentimos parte e amamos esta Igreja que evangeliza, são dirigidas as palavras do Papa Francisco: “não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»” (*Evangelii gaudium*, nº 120).

Podemos então **resumir** os ensinamentos da Palavra de Deus escutada hoje: escutar muito a Palavra de Deus para aprender a falar cristãmente e “praticar a Palavra” como discípulos missionários que sabem aperceber e ajudar os sofredores que encontram à sua volta.

Que Nossa Senhora nos conceda de **“conservar e meditar todas estas coisas no nosso coração”** e nos ajude a **“compreendê-las e pô-las em prática”**.